



## 9º Congresso de Pós-Graduação

### QUILOMBO IVAPORUNDUVA: A DIALÉTICA DO PROCESSO HISTÓRICO DE AQUILOMBOLAMENTO

Autor(es)

---

MARCIA CRISTINA AMERICO

Orientador(es)

---

ANNA MARIA LUNNARDI PADILHA

#### 1. Introdução

---

O processo histórico da formação da população Quilombo Ivaporunduva, localizada na região do Vale do Ribeira, município de Eldorado, no estado de São Paulo, nos aspectos atrelados à organização social e territorial, esteve em movimento e em transformação. Em um primeiro momento, a população negra de Ivaporunduva teve sua história pautada pelo/no escravismo criminoso; em um segundo momento, pela resistência e luta para manter a sobrevivência no território, quando as terras de preto são uma realidade agrária brasileira: são áreas que passam pelo reconhecimento, titulação e regularização no âmbito jurídico-político por meio de lutas sociais. Sendo o processo de aquilombamento histórico e dialético, aproprio-me do referencial teórico do método de Marx (1984; 1997). As famílias do Quilombo Ivaporunduva vivenciam os entraves políticos ligados aos seus direitos fundamentados na Constituição Federal, nos artigos 215, 216 e 68, que lhes garantem a posse das terras. Em 2010, Ivaporunduva torna-se pioneira no Brasil, porque de fato tem o registro coletivo das terras em cartório; porém, desde então, as famílias têm enfrentado uma luta política para a não expropriação de suas terras em função da construção de barragens ao longo do rio Ribeira de Iguape. Nosso esforço nesse artigo será discutir o processo de aquilombamento como histórico e dialético a partir dos entraves enfrentados com o poder público e privado dessa população para garantir a sobrevivência no território atualmente contra o projeto da construção das barragens. Entre outras motivações de caráter vivencial e de pertencimento ao grupo dos afrodescendentes, a minha opção pela pesquisa de campo associa-se à opção pela investigação de cunho etnográfico que possibilitou a mim trazer as vozes e memórias dos quilombolas aqui apresentadas, que foram comigo compartilhadas em diferentes situações na convivência com eles: ora em momentos de conversas/entrevistas entre mim e eles; ora em palestras proferidas por eles a grupos de turistas em visita ao quilombo. Trata-se do movimento de colher relatos de fontes genuínas. Os descendentes de Africanos no Brasil, a partir do cultivo das memórias de seu povo, ao revisitarem a história do passado, vão reconstruindo uma identidade. Evidenciam a história da formação dessa população negra, remetendo-se ao movimento negro brasileiro, possibilitando entender o papel desses quilombolas e a relações que eles têm estabelecido com a discussão mais ampla desse movimento social. Esse processo metodológico de subjetividade e objetividade não trata tais conceitos como abstratos e definitivos, que consideram o homem como pura consciência, só como subjetividade (este o risco idealista); nem também reduzido à simples condição de coisa, só objetividade (esta armadilha materialista-mecanicista). Trata-se de considerar a superação dialética desse dualismo pela práxis. (CIAMPA, 1984, 73). O caminho por mim percorrido neste artigo, compreendido no cultivo das memórias dos descendentes de africanos ligadas aos seus antepassados, vão reconstruindo uma identidade, identidade metamorfose. A forma de reconstruir e ressignificar a história da Comunidade Tradicional Quilombo de Ivaporunduva a partir das memórias dos quilombolas sobre seu passado e ancestralidades, seu trabalho, seus confrontos e resistências para permanecerem no território, sua organização familiar, seus modos de pensar, suas críticas em relação ao sistema econômico, político e social no qual foram e continuam inseridos implica em não dissociar todo esse contexto das africanidades. Nesse sentido, este texto que ora apresento: Se configura como interesse e esforço para travar conhecimento, na perspectiva dos afro-brasileiros, da problemática sócio-econômica, étnico-racial que enfrentam, bem como de sua história, a partir das vivências que têm sofrido e construído ao longo da participação dos antepassados escravizados e de seus descendentes na vida da sociedade brasileira. (SILVA, 2001, p. 165). Os modos de ser e organizar a vida dos Quilombolas estão articulados à herança africana/africanidades; essa matriz

afrodescendente está em consolidação pelos/as autor/as CUNHA JR (2005, 2006); PETRONILHA (2001); MUNANGA (2004, 2009) e outros. A autora Petronilha conceitua o termo: Ao dizer Africanidades brasileiras, estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos, de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia a dia. (2001, p.155).

## 2. Objetivos

---

Nesse texto, busco discutir o processo de aquilombamento da população do Quilombo de Ivaporunduva como histórico e dialético a partir dos entraves enfrentados com o poder público e privado desta população para garantir a sobrevivência no território

## 3. Desenvolvimento

---

Introduzindo o leitor ao Quilombo Ivaporunduva: O quilombo de Ivaporunduva localiza-se na região do Médio Ribeira, na rodovia SP 165, que liga Eldorado a Iporanga, ocupando uma área de 2.800 hectares, no município de Eldorado, no estado de São Paulo. O quilombo Ivaporunduva é uma comunidade negra agroflorestal, habitada por 80 famílias, aproximadamente 400 pessoas, inserida num contexto rural. Tem vivido o desafio de manter a sobrevivência dentro do território por meio da atividade humana - trabalho atividade vital pela qual a vida é garantida. Os trabalhos que movimentam a economia de Ivaporunduva, hoje, são: a produção e comercialização de banana orgânica e convencional (principal atividade econômica na comunidade, realizada por quase todas as famílias) e, em fase de implantação, a agricultura de subsistência (arroz, feijão, mandioca, cará, frutas, verduras etc.), o artesanato da palha de bananeira e o Ecoetnoturismo. Mesmo em fase de reajustes, essas atividades têm gerado renda às famílias da comunidade. O manejo de plantas medicinais, a recuperação do palmito Juçara e a fábrica de processamento de banana são investimentos que estão em desenvolvimento. Ressemantizando os conceitos de quilombo e territorialidade As comunidades quilombolas contemporâneas também são ressignificadas e conhecidas como terras de preto, terras de santo, santíssimo, mocambos. As comunidades negras rurais são habitadas pelos descendentes de africanos escravizados, mantêm laços de parentesco, vivem da agricultura de subsistência, estão em terras que foram doadas, compradas ou secularmente ocupadas por seus antepassados, conservam suas tradições culturais e suas histórias e código de ética que são transmitidos oralmente de geração a geração. (ISA apud MOURA, 2008). Para o geógrafo brasileiro Milton Santos (2007), o território não pode ser visto unicamente como uma superposição do construído pelo homem sobre o natural. O território é o chão mais a população que nele habita. Aí os homens constroem o sentimento de pertencimento. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (p. 96). O autor se refere ainda ao território usado, utilizado por uma população e, como tal, é um campo de batalha, uma arena de luta entre interesses; mas, diz ele, também é o lócus de possibilidades de solidariedade. Veja como o líder quilombola Benedito Alves Ditão, entende o território: Então, você falo na questão da terra, né, é... eu não sei assim os negro que moram na zona urbana, né, que tá na cidade, como tem essa consciência da terra, né, mais a terra, sabe?, pros negro dos quilombo, com raiz ali, que ficaram ali, aquela questão de seu pai, da sua mãe, dos seus avôs, eles vê a terra, sabe?, como uma mãe, se apega à terra como uma mãe, respeita a terra como respeita uma mãe, por que que eles pensa assim? Porque o seu antepassado fala assim: Meu filho, meu neto, olha! A terra, desde o começo do mundo, tudo que nós temos vem dela, tudo... calçado, roupa, certo?, alimentação, isto aqui, vem da terra, o ar que a gente respira, então... e no fim da nossa vida ela recolhe nosso corpo, ela acomoda lá dentro, tendo sorte de não morrer numa área que o bicho comê, mesmo que morre dentro do mato, a terra vai absorvê o seu corpo, então a terra pode ser amada como mãe, né?, e quem que não respeitá a mãe?, né?, quem que na questão de comercialização, quem que vai vendê a sua própria mãe? Então o quilombola, ele pensa desse jeito, sabe?... que na terra de quilombo não pode tê loteamento, não pode pensá em comércio, porque nós temo que garanti o futuro das gerações vindoura no território, que são nossos filho, nossos neto,daí por diante, né? Benedito Alves Liderança Quilombola

## 4. Resultado e Discussão

---

As contradições Num primeiro momento, no período entre 1539 a 1802, por mais de 260 anos, houve a exploração intensiva do trabalho forçado não remunerado da população negra africana e de seus descendentes onde hoje fica o Quilombo de Ivaporunduva. O sistema escravista criminoso expropriou os seus antepassados - população negra africana escravizada da condição humana material e imaterial. Para Marx e Engels (1984), Um primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história [...] [é] que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de fazer a história. A condição de pessoas escravizadas foi uma estratégia de resistência, de manutenção da vida para sair dessa situação, até mesmo para fugir dessa condição; manter-se vivo se torna a primeira condição para refazer sua história que foi aviltada. Os escravizados foram obrigados a essa situação concreta de vida material - que, aos poucos, transformou sua vida imaterial também (os valores). No entanto, houve resistência e ainda há. Marx e Engels, na mesma obra, também dizem que não se trata apenas de conhecer a realidade, mas de transformá-la. Benedito Alves ainda prossegue dizendo como a comunidade tem dado continuidade para produzir a vida: Essa luta não fui eu que comecei, né, foi os negro

aquí escravo, né, que começaram quando não aceitaram trabalho escravo e fugiram das senzala, buscando já sua libertação, né, onde começou e aí eu já sou um gancho, né, pesado de mais de 400 anos atrás, né. E no final dos anos 80, né, todo mundo sabe, né, do direito constitucional que a Constituição Federal trouxe, né, para os quilombos brasileiros, né, que foi a questão da terra, chamado bem mais precioso[...]fala em terra é fala em poder. Quando um preto fala de se dono de terra tá enfiando o dedo na ferida e isso aí ele, ele... é... implica, né, na vida de muita gente. Benedito Alves Liderança Quilombola Num segundo momento, entre 1802 e aproximadamente 1960-70, a população negra defendeu a vida e o território contra: a reescravização e as frequentes agressões e ataques de coronéis e de grupos organizados, que tentavam expulsar os quilombolas de Ivaoporunduva. Nesse período, a comunidade viveu isolada, mas não menos ameaçada e explorada. Nas décadas de 70 e 80, o movimento negro trouxe à tona o racismo da sociedade brasileira. Essa década se configurou como um período de politização dos membros e lideranças quilombolas por meio da interação com o movimento da esquerda socialista, com membros da Igreja Católica (os que tinham forte vínculo com o movimento político da esquerda) e com outros movimentos sociais. O envolvimento dos membros da comunidade com os movimentos sociais (que garantiu a politização das crianças e adolescentes) foi fundamental para tornar os jovens adultos deste momento mais politizados. A partir dos anos 80, os dois líderes de Ivaoporunduva (Benedito Alves e José Rodrigues) passaram a compor o Movimento Negro, em São Paulo, em busca de direitos sociais. O Quilombo de Ivaoporunduva, após um longo processo e por meio de ação judicial, conseguiu que a terra fosse registrada em cartório como propriedade coletiva. A comunidade obteve o reconhecimento de suas terras pelo ITESP, em 1997 e, em 2000, obteve esse mesmo reconhecimento pela Fundação Palmares. Em 2003, a comunidade recebeu do ITESP o título de parte de suas terras. Até 2008 essas terras não haviam sido registradas em cartório, em função de algumas medidas que deveriam ser tomadas pelo Estado. Em 2009, regularizou-se a documentação, finalizando-se esse processo de reconhecimento. Em 01 de julho de 2010, a Associação Quilombo de Ivaoporunduva registra a terra coletiva em cartório. Hoje, a luta em questão é contra as barragens que ameaçam suas vidas e de seu grupo social. No caso de liberação jurídica para o projeto da construção de barragens nas proximidades do rio Ribeira de Iguape em curso, haverá o alagamento e desaparecimento das comunidades quilombolas, ribeirinhas, caiçaras e indígenas e de camponeses que vivem nas proximidades do rio Ribeira. A luta e resistência quilombola contra os investimentos dos órgãos privados e públicos em projetos de implementação de hidrelétrica e de construção das quatro barragens se dão na articulação política que consiste no legado dos líderes quilombolas e dos moradores de quilombos à população mais jovem. É perceptível a articulação política que faz parte do cotidiano da comunidade quilombola.

## 5. Considerações Finais

---

A comunidade Quilombo Ivaoporunduva, por meio do trabalho e das ações dos movimentos sociais, tem buscado a efetivação de fato das políticas públicas e os seus direitos pautados na Constituição Federal de 1988, nos artigos 68, 215 e 216 no sentido de subsistir dentro de seu território. Nesse movimento de confrontos e resistências contra o Estado e seus empreendimentos capitalistas, para gerar energia e obter riqueza e lucro, as reivindicações dos quilombolas por saúde, escola, terra, transporte, moradia e pelo direito de ir e vir acontecem por meio da participação no Movimento Nacional Quilombola e de movimentos sociais rurais, ribeirinhos, indígenas, caiçaras, MST, MOAB, MAB, entidades ambientalistas, entre outras organizações, com as quais eles estabelecem relações. Tais organizações os apoiam em iniciativas e propostas de geração de renda e de desenvolvimento político, social e econômico. A história das famílias negras do Quilombo de Ivaoporunduva aponta que elas se organizaram para produzir a vida material e imaterial, conservando suas crenças, unindo tradição com o novo e que foram criando e transformando, refletindo no que atualmente são. A contradição está posta.

## Referências Bibliográficas

---

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In LANE, Silvia T. M./ CODO Wanderley (Orgs.) Psicologia Social: O homem em movimento. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984. CUNHA Júnior, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendentes na cultura brasileira. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. História da educação do negro e outras histórias. Brasília: SECAD/MEC, 2005. p. 249-273. CUNHA Júnior, Henrique. Metodologia afrodescendente de pesquisa, 2006. (mimeo) FERNANDES, Florestan. O Negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global, 2007. GUSMÃO, Neusa M. M.. Negro e camponês: cultura política e identidade no meio rural brasileiro. Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 6, n. 3, 1992. GUSMÃO, N. M. Os direitos dos Remanescentes de Quilombo. Cultura Vozes, nº 6. São Paulo: Vozes, Nov./dez. de 1995. HASENBALG, Carlos A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. IANNI, Octavio. Raças e classes sociais no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1984. MARX, Karl. O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann. Tradução de Leandro Konder e Renato Guimarães. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. MARX, K. Prefácio. Contribuição à crítica da economia política. In FLORESTAN FERNANDES (org.). Marx e Engels. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 2003. MUNANGA, Kabengele. Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas a caminhos. São Paulo: Editora Global, 2004. MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009. NOGUEIRA, Oracy. Preconceito da marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp. 1998. PETRONILHA, Beatriz Gonçalves e Silva. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: KABENGUELE

MUNANGA (org.). 2ª ed. Superando o racismo na escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2005. SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: EDUSP, 2007. THEODORO, Mário, JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael Guerreiro; SOARES, Sergei (Orgs.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição. IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2008.